

# Implicações patriarcais na Ciência: uma aproximação

## Patriarchal implications of Science: an approximation

**Élida Santos Ribeiro**

Mestranda PPGECS Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
elidasribeiro@gmail.com

**Dra. Fernanda Antunes Gomes da Costa**

Docente PPGECS Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
nandantunes80@gmail.com

### Resumo

Num contexto onde a Ciência pendula entre ser considerada a Verdade e ser desqualificada e até negada, este artigo busca analisar alguns elementos da Ciência Moderna que possam corroborar com essa polarização. A partir das concepções de cultura matrística e patriarcal em Humberto Maturana, o texto configura-se como um trabalho teórico de caráter ensaístico, em que algumas categorias são relacionadas ao paradigma patriarcal, como exclusão, medo, inimizade, controle, concorrência, hierarquização, linearidade e dualidade. A partir dessas categorias, perguntamo-nos: como o paradigma patriarcal pode ser associado com as formas vigentes de pensar e fazer Ciência? As categorias apontadas aqui como possivelmente configuradoras na(da) Ciência Moderna não se pretendem pontos estáticos ou determinantes, mas apontamentos de caráter maleável, fronteiro e ensaístico, que possam permitir reflexões e deslocamentos nos modos de conceber e produzir conhecimento.

**Palavras chave:** ciência moderna, paradigma, patriarcal, Maturana.

### Abstract

In a context in which Science oscillates between being considered the Truth and being disqualified and even denied, this article seeks to analyze some elements of Modern Science that can be corroborated by this polarization. Based on the conceptions of matristic and patriarchal culture in Humberto Maturana, the text is configured as a theoretical work of an essayistic nature, in which some categories are related to the patriarchal paradigm, such as exclusion, fear, enmity, control, competition, hierarchy, linearity and duality. From these categories, we ask ourselves: how can the patriarchal paradigm be associated with current ways of thinking and doing Science? The categories pointed out here as possibly configurable in Modern Science are not intended to be static or determinant points, but rather notes of a malleable, frontier and essayistic character, which may allow reflections and displacements in the ways of conceiving and producing knowledge.

**Key words:** modern science, paradigm, patriarchal, Maturana.

## Introdução

A Ciência<sup>1</sup>, como campo de produção de conhecimento, ainda é sacralizada em diferentes espaços, considerada, em grande medida, a voz da verdade, o saber insuspeito. “Isso é científico!”, encontramos em nossas argumentações desde em conversas de bar até universidades. Hoje, num cenário intrapandêmico, vemos a Ciência se deslocar desse lugar, onde orientações vindas de tradicionais autoridades científicas são questionadas e desqualificadas – por manobras político-hegemônicas que não caberá serem discutidas aqui – em pululantes discursos que ganham tantas mentes e corações. Destituída do lugar de indubitável, a Ciência pendula, hoje, entre ser negada – considerada um embuste – e aquela *boa e velha* Verdade inquestionável.

Entre esses polos, que certamente não existem em seus estados puros, ganham espaço vozes que cantam – já não de hoje – as tantas possibilidades de mirar o conhecimento, a Ciência, através de outros prismas. Remontando ao “perspectivismo”, seguindo pelo que se pode denominar pensamento pós-moderno (GALLO, 2006), passando pelo pensamento complexo (ALMEIDA *et al.*, 2017), pelos paradigmas emergentes e pelas “epistemologias do sul” (ROCHA *et al.*, 2019), potencializados pelos esforços de descolonização (MATEUS-VARGAS *et al.*, 2019) ou decoloniais (OLIVEIRA, 2010), entre outras insubordinações, percebemos uma busca contínua por repensar caminhos que concebam o conhecimento em perspectivas outras.

Nesse cenário em disputa, observamos a convivência da Ciência moderna, dos paradigmas<sup>2</sup> contra-hegemônicos e com o chamado negacionismo, não como três lugares estanques, já que essas fronteiras não são rígidas, estão em constante movimento. Que modos de ser, viver e conhecer são instituídos e sustentados por oposições binárias ou puristas, mutuamente excludentes? Supondo, a partir de conversações com Humberto Maturana (2004), que a cultura patriarcal abrange e funda modos de pensar, agir e emocionar-se de dualidade, exclusão, competição, controle, submissão, apropriação; e que esses nos atam a maneiras de perceber o mundo, esse artigo pretende compreender como as estruturas patriarcais se imiscuem nas diferentes formas de fazer Ciência. Nesse ensaio, conjecturamos que o paradigma científico atual e o patriarcal se retroalimentam, rechaçando como não científico tudo o que é intuitivo, subjetivo, complexo, incompleto, onde as maneiras objetivistas de ver o mundo são consideradas verdadeiras, confiáveis, inquestionáveis.

## Culturas matrísticas de ontem (hoje) e amanhã

Maturana (2004) nos provoca a refletir como se estruturavam as sociedades pré-patriarcais, as quais denomina matrísticas. Não lhes coube a forma nominal mais conhecida, que seria “matriarcais”: essa forma pressupõe, etimologicamente, um poder hierárquico semelhante ao encontrado no patriarcado, trocando simplesmente quem estaria no centro desse poder ou dessa sociedade – os homens pelas mulheres.<sup>3</sup> Segundo o referido autor, a cultura dessas sociedades não supunha o poder sobre os corpos, já que regulavam-se por meio de cooperação e confiança mútua, alimentadas pela relação de abundância que experimentavam com o meio

---

<sup>1</sup> O uso de maiúsculas, ao longo do texto, em palavras como Ciência ou Verdade, buscam destacar a conotação imperiosa ou taxativa que esses termos carregam nos contextos em questão.

<sup>2</sup> A noção de paradigma a que nos referimos aqui será tratada mais adiante.

<sup>3</sup> Observa-se, com frequência, essa conversão do paradigma patriarcal para matriarcal, mas aqui queremos sugerir formas que entendam e vivam o poder de outras maneiras.

natural.

As sociedades matrísticas eram consideradas coletoras, colhiam do meio o que necessitavam, tinham hábitos nômades, acompanhando rebanhos de animais silvestres em suas migrações, a fim de ter, com isso, o alimento de que precisassem; não fortificavam seus povoados. Ainda no relato do autor, por volta de cinco a quatro mil anos antes de Cristo, essas sociedades matrísticas – que se situariam na região do sudeste europeu – entraram em contato com povos pastores indo-europeus de base patriarcal. Os povos pastoris teriam assumido o comportamento de cercar animais e considerá-los seus, a fim de abrigá-los de seus comensais, como os lobos. O ato de cercar, através das gerações, engendra um modo de vida que inclui a **apropriação**<sup>4</sup> e a defesa do que tinha sido apropriado, na direção da **acumulação**.

Assim, enquanto se começou a perseguir os lobos para impedir-lhes o acesso à alimentação normal, surgiu a insegurança. Esta veio da perda de confiança, trazida pela contínua atenção aos comportamentos de proteção das manadas diante dos lobos, já excluídos como comensais naturais. Além do mais, quando surgiu o emoionar da insegurança, a segurança começou a ser vivida como a total exclusão dos lobos por meio da morte. Entretanto, ao ocorrerem essas modificações no emoionar e no agir, deve ter aparecido outra mudança no emoionar. Ela constituiu uma alteração básica e nova na maneira de viver da comunidade, a saber, a inimizade como desejo recorrente de negar a um outro em particular. (MATURANA, 2004, p. 58)

Essa nova maneira de viver em comunidade passa, então, a agregar a concepção de **inimigo** (o lobo), que permite sacrificar uma vida (pela restrição do acesso ao alimento) para manter a *propriedade*. O predador deve ser afastado (e punido) por constituir uma ameaça à “ordem artificial estabelecida” (MATURANA, 2004). A própria definição de “predador” está imbuída da cultura da apropriação, já que deriva do latim *praedator*, que significa aquele que rouba, saqueia: pressupõe a **posse** do que está sendo “predado” – nesse caso, o animal silvestre de que se alimentavam esses povos.

Há, assim, a **hierarquização** das vidas, onde a vida animal vale menos que a humana: quando passam a ser propriedade, tornam-se algo passível de **uso** indiscriminado, diferentemente das práticas devocionais adotadas nas sociedades matrísticas, onde os humanos ficavam agradecidos àquele animal cuja vida foi sacrificada. As mulheres e crianças passam a ser tomadas também como propriedade. A sexualidade das mulheres subjugava-se ao controle do patriarca, associada somente à fertilidade e limitada à procriação. Ademais, a vivência mística passa a envolver o medo e a subordinação: o autor associa à vivência noturna e solitária do homem pastor que, para proteger *seu* rebanho, “afastado da companhia protetora de sua comunidade, enquanto cuidava, seguia ou guiava seus rebanhos em busca de boas pastagens nos vales montanhosos” (MATURANA, 2004, p. 65), presenciando sozinho fenômenos luminosos/elétricos comuns, tomando o âmbito cósmico como ameaçador, a que deveria ser submisso e obediente em “sua pequenez”. Esse medo reforça a necessidade de estabelecer **limites de proteção** e a busca ansiosa por segurança. Dessa maneira, a vida transforma suas bases na **apropriação** e no **medo**, que estão nas raízes das sociedades patriarcais que conhecemos.

A partir desse breve relato do que seriam as bases das sociedades matrísticas e patriarcais, tensiona-se, aqui, criar categorias que sejam emblemáticas da cultura patriarcal, evidenciando suas bases e fundamentos para, em seguida, identificar essas categorias (em negrito) como sendo pilares importantes do paradigma científico moderno.

---

<sup>4</sup> Colocamos em negrito as expressões que, mais adiante, serão identificadas como categorias patriarcais.

## O paradigma científico moderno e suas implicações patriarcais

*Se vivermos centrados na apropriação, viveremos tanto nossas propriedades quanto nossas ideias e crenças como se elas fossem nossa identidade.*  
(MATURANA, 2004, p. 71)

Entendemos, com Maria Paz Esteban (2010), que “um paradigma representa uma determinada maneira de conceber e interpretar a realidade, (...) uma visão de mundo compartilhada por um grupo de pessoas e, portanto, tem um **caráter socializador**.” (ESTEBAN, 2010, p. 28, grifo nosso). A partir dessa visão de paradigma como motivador de hábitos, comportamentos, discursos, hierarquias, valores sociais, e também motivado pelos mesmos, numa relação dialética de reciprocidade, seguimos pistas das influências entre a cultura patriarcal e o paradigma científico moderno.

A partir do entendimento descrito de cultura patriarcal, fazemos emergir as seguintes categorias: **exclusão, medo, inimizade, perigo, submissão, apropriação, perda, controle, concorrência/disputa, acumulação, hierarquização, linearidade e dualidade**. Essas categorias representam boa parte do que permeia diversas áreas da cultura e do pensamento humano, mas para os fins deste artigo, buscaremos caracterizar suas imbricações com os fundamentos da chamada Ciência Moderna. Esta última, baluarte da objetividade, do rigor, da pretensa separação entre sujeito e objeto (PASSOS *et al.*, 2015), marcadamente excludente e eurocêntrica (KILOMBA, 2019).

Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar. (KILOMBA, 2019, pp. 55-56)

A **exclusão**, que outrora surgiu como cultura a partir da delimitação de um lugar de posse (e poder), mantém-se no paradigma científico moderno como preconceito, delimitação do que é ou não científico através de critérios excludentes, que podem ser identificados desde nos manuais metodológicos, passando pelos critérios de aprovação em meios de divulgação científica, mas que se atualizam nas aulas de graduação e pós-graduação, nos textos, discursos e posturas, ramificados aos diversos espaços de conhecimento, tomando corpo em técnicas de dominação e penetrando na vida cotidiana, em gestos, atitudes, hábitos, discursos. (FOUCAULT, 1979).

Isabelle Stengers, em entrevista para um artigo da Revista de Antropologia (DIAS *et al.*, 2016), em relação às perguntas *inconvenientes* à Ciência, diz o seguinte: “Entendi que isso tem a ver com os cientistas tratarem aqueles que lhes fazem perguntas, talvez, como bem-intencionados, mas na verdade, objetivamente, como inimigos, como perigosos.”. Essa acepção de perigo e de inimigos cabe, aqui, ser relacionada com o surgimento do emoionar do **medo** e da **inimizade** na cultura patriarcal, onde se cria a percepção de que o outro representa um **perigo**, ao ameaçar a “ordem artificial estabelecida”, onde o que se acumulou precisa ser protegido, controlado, para que não seja perdido.

De seu lado, os critérios de *cientificidade*, apesar de assegurarem uma delimitação do campo científico são, em certa medida, a manifestação dessa proteção contra o que possa ameaçar a ordem estabelecida, o conhecimento acumulado. As normas de academicidade, a **submissão** ao Método Científico, podem ser considerados uma forma de **apropriação** dos critérios do que seja *científico* ou *acientífico*; visam garantir a objetividade e neutralidade que

pretensamente garantam a condição de *verdadeiro* ao que está sendo pesquisado, para que se possa assegurar que “tais invenções não são invenções quaisquer, mas verdadeiras descobertas” (PASSOS *et al.*, 2015, p. 54). O **perigo** representado pela possibilidade de **perder** esses critérios, métodos e normas acumulados em tantos anos de Ciência fomenta essas posturas e práticas de **controle**.

O trabalho com objetos purificados através de **práticas controladas**, a investigação de um objeto independente de sua história e das inúmeras conexões que o ligam ao mundo, depende de práticas concretas de isolamento de variáveis, essenciais para a reprodução do fenômeno em laboratório. (...) A ciência moderna inventa práticas de produção do conhecimento capazes de fazer desaparecer sua origem inventiva sob o manto da descoberta científica. O dispositivo experimental, concebido para realizar a separação entre sujeito e objeto, surge como dispositivo político, operando a **hierarquização** das invenções, ou, antes, convertendo uma delas na única representação legítima do fenômeno em questão. (PASSOS *et al.*, 2015, pp. 54-55, grifos nossos)

Ainda sobre a **inimizade**, a eliminação de um outro que possa representar uma ameaça, cabe aqui aduzir à concepção de Bourdieu (1983) do campo científico como “campo de batalha”. Para o autor, a luta concorrencial que se dá pela aquisição de **autoridade científica**, por legitimação e reconhecimento dos pares ou **concorrentes** (como nomeia o autor), transforma a Ciência em campo de batalha, onde cada indivíduo luta por seus interesses. O autor caracteriza essa busca como sendo pelo “Capital Científico”, que pode ser **acumulado**, transferido ou convertido em outros capitais.

Não há “escolha” científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação; ou, ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados – que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes. (BOURDIEU, 1983, pp. 126-127)

Dentro dessa **disputa**, ainda segundo o autor, está em questão a possibilidade de imposição de uma “definição de Ciência” que seja conveniente aos próprios interesses e “talentos científicos”, que permita a manutenção das posições dominantes que quem as ocupa, assim como a **hierarquização** dos valores e campos científicos. BOURDIEU (1983), assim, questiona claramente a noção de Comunidade Científica, tendo em vista a noção do outro como um concorrente (**inimigo**), não como um par ou companheiro, refutando a consonância ou comunhão evocadas pelo termo.

Avançando nos elementos potencialmente patriarcais no paradigma científico moderno, percebemos a **visão linear**, que se expressa na temporalidade – a suposta evolução do conhecimento, que dialoga com a noção de “conhecimento acumulado”, pressupondo que o que veio antes seria, naturalmente, menos elaborado do que o conhecimento atual, em seus “museus de grandes novidades”. A cultura da atualização constante se reflete nesse ponto, valorizando a notícia da última hora, os “avanços tecnológicos”, a publicação mais recente sobre um tema. Essa **linearidade** também se expressa nas relações diretas de causa e efeito, prestigiando a explicação lógica do mundo e da vida, em detrimento de sua compreensão contextual, complexa e sistêmica.

Segundo o aspecto patriarcal (...), é a autoridade que manda e determina. Os objetos e processos distinguidos são o que são por si mesmos e constituem uma autoridade para tudo o que tenha a ver com eles, com base no

funcionamento de suas propriedades e características intrínsecas. Como resultado, segundo esse modo de pensar, **o controle, o poder e a obediência** devem prevalecer a qualquer custo. E assim surgem **princípios explicativos transcendentais**, que, como meios de **dominação pela razão**, dão origem ao modo filosófico **linear** de explicar, fundamentado em **verdades inegáveis**. (MATURANA, 2004, pp. 92-93, grifos nossos)

O dispositivo experimental estabelece a magna **dualidade** sujeito-objeto, numa aceção de objeto purificado, desvinculado de contexto histórico, social, cultural, biográfico, de suas conexões com o mundo e seu movimento permanente (PASSOS *et al.*, 2015). A objetificação analítica pressupõe um mundo formado de partes justapostas, elementos maquinais, peças isoláveis de seu todo.

Quando, em nome de uma suposta objetividade, abrimos mão dos afetos de cada um dos sujeitos humanos encarnados que conhecem, nada mais fazemos do que ‘castrar’ o intelecto. Para além de qualquer objetividade, para além de qualquer ‘vontade de verdade’, é a multiplicidade de olhares, a multiplicidade de afetos sobre um mesmo objeto (isto é, um perspectivismo) que pode possibilitar-nos um conhecimento mais completo desse objeto. (GALLO, 2006, p. 561)

A percepção da realidade em compartimentos estanques despreza a relação, a reciprocidade que os elementos estabelecem entre si e com o todo. O conhecimento amputado de seu contexto, os conteúdos amputados de seu interesse social, o intelecto amputado do corpo, do chão onde pisa, os homens e mulheres amputados de suas afetações e afetos. Que formas de ser, de agir, podem ser consideradas tributárias dessa maneira de conceber o conhecimento e de analisar os problemas, as questões científicas?

## **Considerações finais – ou – Conjecturando uma ciência matrística**

As categorias apontadas aqui como relacionadas à Ciência Moderna foram expressas esquematicamente, mas não possuem uma função definidora ou rígida, no que seria uma sobreposição de verdades. Cumpre ressaltar seu caráter maleável, fronteiro e ensaístico, na intenção de mais uma forma de aproximação com as maneiras vigentes de pensar e fazer Ciência. Buscando seguir uma direção não **linear** – entendendo que a sinuosidade convém ao que chamamos aqui de matrístico –, é importante ressaltar que os modos descritos como patriarcais estão, em maior ou menor grau, distribuídos nos diferentes prismas ou epistemologias, mesmo nos que buscam direções desviantes.

Desde o momento em que se estabelecem definições de Ciência, de seus critérios, métodos e valores, despontam, também, definições marginais, que se colocam no contrafluxo da hegemonia. Dessa maneira, não pretendemos anunciar o paradigma científico lapidar, completo e bem-acabado, ou a chave da superação da sociedade patriarcal – certamente não se trata disso, que seria um contrassenso. Seguimos no encaço de epistemologias, práticas e metodologias que contribuam para essa caminhada, que nos ajudem a mapear trilhas e que deixem pistas atrás de si. Entre encruzilhadas e subversões, o conhecimento marginal se elabora, ramifica-se, espalha sementes e mutações. Assim como na vida adulta patriarcal há nostalgia de uma infância rica em elementos matrísticos, a Ciência Moderna, em seu próprio núcleo, mostra nostalgias, uma (potente) incompletude, em busca de uma visão onde caiba (e transborde) a vida. A partir desse discernimento, propomos que o campo científico possa sofrer afetações e deslocamentos na direção de, quem sabe, fazer brotar uma ciência antipatriarcal – ou (mais) matrística.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. V.; FALCÃO, L.; AMARAL, E. M. R.; MELO, S. H. D. (2017). O paradigma da simplificação versus o paradigma da complexidade nas ações de Interdisciplinaridade. In **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis, SC.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.) **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122–155.
- DIAS, J. P. *et al.* Uma ciência triste é aquela em que não se dança - conversações com isabelle stengers. **Revista de Antropologia**, v. 59, n. 2. p. 155–186, 2016.
- ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Trad. Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- FREITAS, E. S. de; VERMELHO, S. C. S. D. (2017). A cultura da liberdade e as táticas na Educação: uma crítica às práticas educacionais hegemônicas. In **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Florianópolis, SC.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Org., trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GALLO, S. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. **Educação e Pesquisa**, v.32, n.3, p. 551-565, 2006.
- KILOMBA, G. **Memórias da Plantação - Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.
- MATEUS-VARGAS, M., ANUNCIACÃO, B. C.P., & ANDRADE, A. M. (2019). A distinção de saberes dentro dos processos de descolonização: campos temáticos baseados no Mapeamento Informacional Bibliográfico. In **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Natal, RN.
- MATURANA, H. R. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, H. R., VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atena, 2004.
- OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, Abr. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 jul. 2020.
- OLIVEIRA, J. R. S. (2013). A dinâmica da ciência em artigos de divulgação científica da revista Pesquisa FAPESP. In **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Águas de Lindóia, SP.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROCHA, N. S. A.; CONTENTE, A. C. P.; MELO, V. S. S. (2019). Interlocação de saberes como princípio epistemológico na concepção de Boaventura de Sousa Santos. **Atas do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Natal, RN.